

# Scientia Populi - As ciências do povo

A pandemia covid-19 marcou-nos a todos - isso é inegável. É óbvio que não sofremos todos da mesma maneira - afinal de contas, muito mais mulheres foram afetadas pelos despedimentos em massa e lay-off ([ref](#)), algo que também recaiu pesadamente sobre os jovens e trabalhadores precários ([ref](#)) - mas houve efeitos práticos para praticamente toda a gente. A par desses efeitos, houve um redobrar das tendências anti-científicas - campanhas de negação da pandemia covid-19 foram montadas e armadas, com a eterna preocupação pela economia, munindo-se daquilo que o populismo nos ensinou e que nós - ou alguns de nós - escolhemos não aprender. O populismo move-se pelas fendas deixadas pela frustração, pelo descontentamento, e sobrevive ao alimentá-los. Movimentos negacionistas crescem, movimentos fascistas crescem - o cardápio de truques da propaganda populista é quase eterno e está na hora de os começarmos a encarar seriamente.

## O legado complicado do iluminismo

---

Geralmente descrito como uma era ou período, o iluminismo pode também ser caracterizado como uma nova atitude face ao conhecimento - nada é inquestionável. Numa altura em que a igreja e a tradição dominavam o pensamento, houve um valor imenso em virar costas ao culto das certezas e regras estabelecidas pela classe dominante. Isto não se traduziu, contudo, em desprezo pelo conhecimento; a ciência, reimaginada por **Francis Bacon** e outros com a criação do método científico, oferecia uma série de passos que nos permitia chegar ao conhecimento.

Desde então, passaram-se alguns anos. Séculos. Agora, apesar da ciência continuar a depender do método científico e de haver acesso praticamente constante a quaisquer fontes científicas, há uma persistência enorme de movimentos negacionistas: só no último ano, estima-se que o movimento anti-vacinas tenha ganho 7,8 milhões de seguidores nas redes sociais ([ref](#)). A ciência é agora tão complexa e difícil de compreender que requer um nível de especialização absurdo e, se houver uma especial propensão para o ceticismo, podemos cair no erro de questionar algo que não entendemos por ir contra as nossas intuições mais fundamentais, por atacar algo em que acreditamos a um nível emocional. Há quem aceite essa complexidade e escolha ouvir peritos - cientistas de renome num determinado campo ou simplesmente amigos, colegas ou familiares com mais formação. Contudo, é também fácil dar voz à frustração: porque é que investimos tanta na investigação se continuamos sem conseguir curar um cancro? Porque é que continuamos a apanhar gripe mesmo quando tomamos a vacina?

Estas perguntas são válidas - afinal de contas se há algo de que podemos ter a certeza é de que sabemos muito pouco. Podemos viver confortavelmente com isso, podemos tentar esclarecer as nossas dúvidas. Não há um código de conduta para a governação do nosso conhecimento. Contudo, é quando ele falha que há lugar para a manipulação - é quando o emocional suplanta o racional que nos deixamos levar por uma explicação que satisfaça a nossa intuição, o nosso egoísmo. É nesses momentos que uma dúvida razoável

se torna numa teoria da conspiração, numa cabala que imagina uma nova ordem mundial a manipular os métodos de produção conhecimento. É nesses momentos que o uso de uma máscara, por ser inconveniente, se torna numa ameaça à "nossa liberdade pessoal", que o confinamento, por ser chato, se torna numa afronta à "nossa capacidade de auto-determinação", que a vacina, por ser complicada e cara, se torna num mecanismo de controlo de massas, que não passa tudo de uma qualquer espécie de "gripe".

Não deixemos, contudo, que a dúvida seja pretexto para pseudociência. Para que fique claro: as máscaras funcionam ([ref](#)), o confinamento funciona ([ref](#)), as vacinas funcionam ([ref](#)) e não pretendo alimentar discussões sobre a eficácia de qualquer uma destas medidas. Prefiro falar de algo diferente mas relacionado, sobre o discurso que nega o conhecimento científico. O negacionismo faz uso da atitude iluminista ao distorcê-la - em vez de termos a dúvida razoável da pessoa que se quer esclarecer, temos a dúvida enquanto posição absoluta que questiona acriticamente quem produz conhecimento. As discussões sobre ciência passam a ser ataques a determinadas entidades - pessoas ou organizações - que produzem conhecimento que torna a vida mais inconveniente. Isto permite, em simultâneo, também algo muito particular: a manufactura de "peritos", a subida ao poder de figuras que querem ganhar poder e fama custe o que custar e que usam o discurso científico - falando em estatística, virologia, imunologia, epidemiologia como se determinassem eles o conhecimento de cada uma das áreas e comparando com facilidade uma série de outras doenças com a covid-19.

Muita gente sente-se frustrada com as medidas que tentam parar ou abrandar a pandemia covid-19 - é impossível não o sentirmos; afinal de contas são mudanças substanciais - mas necessárias - na maneira como vivemos. Estes novos "peritos" entram então em cena, com o seu placebo testado e aprovado popularmente: respondem à frustração com mentiras e pseudociência que correspondem àquilo a que a emoção apela - ao fim da pandemia. A pandemia, para os seguidores destes "peritos", passa então a existir enquanto uma construção política e social. No mercado livre de ideais novas narrativas são construídas em que o método científico é acusado de falsidade e a demagogia barata e pobre é idolatrada.

Tenho agora de referir algo que, por esta altura, se tornou num cliché: o paradoxo da tolerância de Popper - ser tolerante com a intolerância cria mais intolerância. Tolerar ideias pseudo- ou anti-científicas porque qualquer ideia pode ser válida levará à aceitação das mesmas enquanto legítimas ou científicas. Deve haver campo para as combater, mas não podemos criar um espaço de debate que insista em debater ideias que já foram consistentemente falsificadas. Ainda hoje somos obrigados a ver discussões sobre se há ou não transmissão de covid-19 em pré-sintomáticos e assintomáticos, mas já vários estudos provaram que isso acontece ([ref](#), [ref](#), [ref](#), [ref](#), [ref](#), [ref](#), [ref](#), [ref](#)) - qual é o objectivo de debater perpetuamente com quem insiste em negar aquilo para o qual temos provas? Se aceitamos o método científico como um método capaz de criar verdades falsificáveis, e se estivermos a debater uma verdade que não é presentemente falsificável podemos apenas especular. Podemos discutir e isso pode ser divertido ou até mesmo útil para quem quer de facto aprender, mas não podemos esperar que o bolo de conhecimento mude sem que falsifiquemos alguma coisa ou ofereçamos provas para outra. Posto isto, preciso também de clarificar a minha posição - não acho que devamos ser impedidos de debater.

Consideremos alguns exemplos concretos: faria sentido debater a ligação entre tabagismo e cancro do pulmão? Faria sentido debater a ligação entre o consumo de bebidas alcoólicas e cirrose? Talvez haja

alguma discussão relevante sobre a quantidade ou frequência do consumo em ambos os casos. Talvez haja algo importante a aprender em ambos. O **diálogo** - não o debate - é sempre uma possibilidade mais recomendada. Mas o debate que pode haver em ambos os casos resumir-se-ia à apresentação de artigos científicos de um lado e à negação dos mesmos do outro pois ambas as ligações foram já observadas e comprovadas várias vezes. Seria, com certeza, mais útil debater se o tabaco ou o álcool devem ser legais e, se sim, em que circunstâncias. Neste casos teríamos de considerar algo que não se baseia unicamente na evidência científica - temos de equilibrar argumentos de saúde a um nível público e individual, capacidade de escolha, liberdade de expressão e de consumo, economia, taxaço, sociologia, cultura. Passamos de um debate estéril para outro capaz de gerar discussões interessantes que nos permitem conhecer melhor o mundo que nos rodeia.

Temos a liberdade de debater e de recusar o debate, liberdade essa que permeia todos os indivíduos que nos rodeiam. Contudo, carregamos connosco a responsabilidade desse debate - debater uma ideia implica que essa ideia seja mais ou menos maleável, implica que haja espaço para a mudar. O iluminismo abriu portas ao debate racional, mas nós permitimos a distorção desse debate.

E agora, algo completamente diferente (por enquanto).

## O legado perpétuo do fascismo populista

---

**Theodor Adorno**, sociólogo alemão, escreveu extensivamente sobre o fascismo. Não só sobre o fascismo que foi, mas também sobre o fascismo que sobreviveu e sobrevive. Adorno explicou numa palestra (agora disponível em livro ([ref](#))) e no seu trabalho que não conseguimos ver a maneira como fascismo surge se o vemos como uma exceção, um lapso. Na verdade, é necessário reconhecer que movimentos fascistas são o resultado de uma democracia liberal imperfeita, de uma democracia liberal incapaz de atender a todos os pedidos de todos os cidadãos que representa, e da capacidade de explorar e apropriar esse descontentamento que certos indivíduos têm. Para evitar as confusões do costume quanto às semelhanças e diferenças entre novos e velhos fascismos estabeleço desde já uma equivalência semântica entre fascismo e neofascismo.

A Alemanha antes do nazismo passava por uma crise socioeconómica - humilhados pela derrota na primeira guerra mundial e a enfrentar as consequências da crise de 1929 (que afectava transversalmente a Europa), o terreno era fértil para que essa frustração fosse correspondida. Após a primeira guerra mundial, a Europa era assombrada por uma sede de identidade nacional e em muitos casos uma necessidade brutal de melhores condições de vida - não é surpresa que grande parte dos movimentos fascistas - incluindo o português - desta altura tenham surgido entre a primeira e a segunda guerra mundial. O fascismo para o seu seguidor, nas palavras de **Adorno** em "A Personalidade Autoritária" (um livro da escrito por **Theodor W. Adorno**, **Else Frenkel-Brunswik**, **Daniel Levinson**, and **Nevitt Sanford** ([ref](#))), é um aparelho para a orientação fácil num mundo frio, alienado e largamente incompreensível. De acordo com **Max Horkheimer** no prefácio desta obra, o fascismo é uma solução fácil para aqueles que procuram apenas uma autoridade que os guie e crie, para aqueles que anseiam pelo progresso e desenvolvimento mas adoram o conforto emocional e irracional da tradição e do conservadorismo, para aqueles que

procuram ao máximo a sua individualidade enquanto se preocupam que os outros gostem deles. O fascismo age como um placebo para a frustração.

Nesta análise também **Ernesto Laclau** e **Chantal Mouffe** nos são úteis - foram eles dos grandes estudantes do populismo e nele identificaram uma série de sinais que eram típicos, sinais esses que aparecem nos novos movimentos neofascistas. O primeiro será a criação do povo - não podemos ter populismo sem povo - e a maneira mais fácil de o fazer é criar uma noção de "eles" para o "nós" do povo. O discurso adotado cria inimigos fáceis, alvos a abater para solucionar os problemas - na Alemanha nazi criou-se a figura d'O Judeu, na Itália fascista d'O Comunista e em Portugal, atualmente, temos a alusão a'O Subsídio-dependente, a'O Cigano, a'O Refugiado. Esta caricatura discriminatória é frequentemente usada como bode-expiatório e a sua eliminação é vista como a salvação apesar de qualquer forma de razão apontar na direção oposta. Mas isto não constitui uma definição muito boa de povo: outro dos sinais que **Laclau** e **Mouffe** referem é a existência de "significadores vazios" - palavras ou símbolos que não têm um significado próprio, cujo significado é diferente para pessoas diferentes. Por exemplo, o "Povo" não se refere a uma categoria mais ou menos restrita de pessoas visto que nunca é definida num discurso populista, pelo que o candidato d'O Povo representa apenas aqueles que se querem ver representados nele. A expressão "O Português de Bem" não quer dizer nada; é uma palavra com a qual nos podemos identificar se quisermos porque não há uma definição consensual do que é "O Português de Bem". Outro sinal é algum tipo de crise orgânica, como a que referi no parágrafo anterior - qualquer tipo de fascismo populista começa com uma frustração a ser explorada, com uma certa desilusão com o sistema actual. A devastação era imensa e a resposta era simples - o líder resolveria tudo. Mas quem é esse líder? É nada mais nada menos que a figura que representa O Povo, que espelha as frustrações e preconceitos d'O Povo. É a personalidade a quem é feito o culto.

Assim crescem movimentos populistas. Assim se ilude O Povo. Assim se podem sugerir medidas com pouca popularidade - como o fim do acesso universal e incondicional à saúde e educação, o fim dos sindicatos, o corte de salários, a liberalização da contratação e despedimento - sem que isso cause problemas a nível eleitoral. Longe da propaganda, longe do coração. Tudo deve ser feito pela glória do líder, a figura cuja glória e sucesso subentendem os de todo O Povo, pois ele é o reflexo e caricatura d'O Povo. Posto este enviesamento, o debate com o líder populista é então extremamente complicado - se alguém o questiona sobre as medidas controversas que estão no seu programa eleitoral ou sobre a sua hipocrisia ele pode simplesmente dizer que é mentira ou disparate ou irrelevante. Longe da propaganda, longe do coração - nesta condição em que a verdade é facultativa, o programa eleitoral que defende torna-se num documento accidental, num obstáculo para a palavra feita verdade do líder.

Assim se sedimentam e normalizam movimentos fascistas e populistas. Assim se cria espaço para o discurso que adotam.

## Legados traçados, pântanos conjugados

---

Talvez agora se comece a notar alguma convergência entre o grande líder fascista e populista e os grandes "peritos" que motivam o negacionismo. Estas convergências vão para lá da legitimação que o

debate lhes garante:

1. Em ambos os casos temos uma **crise orgânica** - no caso do fascismo populista essa crise é política ou socioeconómica, essa crise vem do fosso entre políticos e classe trabalhadora. No caso do negacionismo essa crise surge quando a ciência contraria aquilo que nos é queridamente intuitivo - porque é que hei-de usar máscaras se não gosto? Porque é que as vacinas funcionam se têm ingredientes complicados? Porque é que há uma crise climática se eu não me apercebi disso? Todas estas dúvidas são justas e têm uma resposta - enquanto público informado devemos estar prontos para esclarecer dúvidas sem que isso se torne num debate. Enquanto público desinformado devemos estar prontos para aprender sem que isso nos ofenda.
2. Em ambos os casos temos um grupo de pessoas que se **aproveita** dessa **crise** - no caso do fascismo populista esse aproveitamento é feito por pessoas com alguma fama e com alguma facilidade em se movimentarem dentro do sistema político. São pessoas que se dizem "anti-sistema" mas incorporam-no há anos, senão décadas, são pessoas que espelham as preocupações e dúvidas legítimas das pessoas e as reforçam e alimentam. No caso do negacionismo isto não muda muito - dizem-se indivíduos que não são enviesados, que são conhecedores, tipicamente usam e distorcem as suas credenciais (por mais irrelevantes que sejam) para que isso sirva de apoio aos "argumentos" que usam. Muitas vezes recorrem ao insulto e à ridicularização daqueles que vêm como adversários. Vêm prontos para "esclarecer" a dúvida que existe na comunidade científica com as respostas que o público anseia por ouvir, sem que qualquer noção de verdade importe - o que mais interessa é que muita gente os ouça, o que interessa é que muita gente os siga. No fim, em ambos os casos, temos o estabelecimento de algo que funciona como um culto - afirmações cuja autoridade não vem da evidência, mas sim do seu autor. Não é por acaso que um estudo recente tenha comprovado que os apoiantes de um partido político mudem de opinião com base naquilo que é expresso pelo partido ([ref](#)).
3. Em ambos os casos as **verdades** são **flutuantes e flexíveis** - o uso do discurso democrático ou científico é comum, mas o conteúdo é irreconhecível. O programa eleitoral perde-se em contradições do candidato fascista e populista que aproveita o desconhecimento e frustração do seu eleitorado para propagar mentiras. O conhecimento científico perde-se na série de contradições que servem para tirar força à pandemia covid-19 - primeiro nega-se a existência de uma doença severa, depois nega-se a sua severidade. Segue-se a negação da eficácia dos confinamentos e das máscaras. Depois nega-se que a vacina seja eficaz para resolver a doença que inicialmente negaram. Para comprovar o quão exageradas estão a ser as medidas que combatem a pandemia covid-19 serve tudo exceto aceitar o que os peritos dizem. Entretanto alimenta-se a frustração, entretanto alimenta-se o sentimento anti-democrático e anti-científico.
4. A solução vem da **aceitação** da palavra consagrada do líder/"perito" e do **sacrifício** de um bode expiatório. O fim da frustração é sempre vendido como o objectivo final, mas até lá a frustração é alimentada e motivada. Contudo, o objectivo final rapidamente toma uma forma real - deixa de ser o fim da frustração, um conceito plenamente abstracto e subjectivo, e passa a ser encarnado numa figura ou entidade. Esta figura pode tomar várias formas - em Portugal podemos ouvir vociferadas

acusações contra O Cigano ou contra O Subsídio-dependente que rapidamente os torna na causa de uma situação que não provocaram nem os beneficia. Na América as acusações dos negacionistas contra o Center for Disease Control e a sua figura máxima, Anthony Fauci, materializaram esta perseguição ao bode expiatório, enquanto que em Portugal foi Marta Temido, Graça Freitas e os restantes "covideiros" (pessoas que acreditam - como se se tratasse de uma questão de fé - que a pandemia covid-19 é real e séria) a sofrerem o ódio irracional da massa frustrada. Em qualquer um destes casos, é prometido pelo líder e pelos "peritos" que basta estas figuras serem isoladas - despedidas, desprezadas, brutalmente discriminadas - para que a vida encontre a sua solução natural. Os problemas - a desilusão com os políticos, a pandemia e a doença - permanecem, mas isso pouco importa quando os seus símbolos são excomungados. Longe da vista, longe da preocupação.

Estas convergências convivem e são métodos de chegar a posições de poder, são métodos de espalhar desinformação e de viver da frustração generalizada. Estas convergências são notáveis em Trump e Bolsonaro com o seu persistente negacionismo científico durante a pandemia covid-19. São notáveis em Orbán com a sua legislação que permite o controlo de instituições científicas ([ref](#)), podendo assim manipular o discurso científico. São notáveis em Duda que, com o seu governo, insistiu em desflorestações desnecessárias e tirou ao povo polaco a possibilidade da fertilização *in vitro* ([ref](#)) e do aborto a não ser em situações de violação ou incesto ([18](#)).

## Os fantasmas dos legados

---

Há traços largos que podemos estabelecer entre o fascismo populista e o negacionismo científico. No que toca à sua génese, no que toca à maneira como crescem, mas nunca no que toca à maneira como morrem. Isso seria impossível - parafraseando **Mark Twain**, a morte de ambos foi grandiosamente exagerada. Estes movimentos são incipientes ao clima de onde surgem. Quando desaparecem sem que os problemas que os geraram - o descontentamento, a frustração, o desconhecimento, a superstição, o medo do novo e do diferente - desapareçam com eles, podemos mesmo esperar que esses problemas deixem de existir a longo prazo? Ao combater o populismo sem educarmos a população que o aceita não estamos a esperar que ele volte a surgir, que ele volte a ser abraçado por quem foi forçado a rejeitá-lo? Ao combater o negacionismo científico sem ensinarmos aos seus seguidores o método científico e como funciona nas suas instituições não estamos à espera que nos volte a assombrar, que volte a encontrar casa nas casas que deixámos abandonadas?

No que toca ao combate ao fascismo populista, a solução passa também pela educação - falar com quem nos rodeia, falarmos sobre as soluções que os líderes dos movimentos fascistas e populistas propõe e sobre a sua ineficácia e sobre as suas mentiras a um nível fundamental ([ref](#)). É preciso que percebamos - e que façamos perceber - que algo que soa emocionalmente a uma verdade, pode não o ser: um estudo de 2016 perguntou a várias pessoas dos EUA e de vários países europeus qual a proporção de muçulmanos no seu país. A conclusão foi que, em média, todos os países sobreestimavam esta proporção brutalmente - no Reino Unido a proporção da população que é muçulmana é de 6%, no entanto os britânicos estimaram que fosse de 22% ([ref](#)). Isto é uma demonstração brutal do quanto a propaganda nos pode influenciar - somos bombardeados por fontes alarmistas sobre o perigo islâmico, sobre uma suposta

"colonização" e, no entanto, quando somos confrontados com a realidade - que sobreestimamos uma ameaça inexistente - podemos ver onde está o nosso erro. Para além disso - e reconheço a controvérsia no que vou dizer - devemos silenciar os líderes fascistas e populistas, retirando-lhes a força que têm em praça pública. Isto pode parecer uma interferência na liberdade de expressão. No entanto, atualmente, temos várias exceções à liberdade de expressão que aceitamos - é ilegal difamar e injuriar verbalmente alguém, tal como é ilegal discriminar e incitar ao ódio e à violência. Também temos exceções que impomos a nós próprios - por norma, não insultamos amigos ou familiares, tal como não insultamos pessoas sem que haja qualquer motivo para tal. Estas exceções põe em causa a liberdade de expressão? Não continuamos a ter liberdade de expressão se silenciarmos os líderes fascistas e populistas? Não conseguimos ter um diálogo mais produtivo e inclusivo se não tivermos alguém que pretende excluir pessoas de certas etnias da discussão e da vida pública?

No caso do negacionismo científico os conselhos não são muito diferentes - não é por acaso que as recomendações publicadas no Journal of American Medical Association insistam no reforço à educação científica na infância e enquanto crescemos, bem como no diálogo aberto com quem tem preocupações e na criação de materiais didáticos, pedagógicos e apelativos ([ref](#)). Ao mesmo tempo é sugerido o diálogo aberto e privado com pessoas que estejam hesitantes em tomar a vacina - o Center for Countering Digital Hate, organização britânica contra a disseminação do ódio e desinformação oferece uma série de recomendações para combater a desinformação anti-vacinação nas redes sociais, como evitar interagir com publicações anti-vacinação (e contactar as pessoas em privado caso haja conforto para tal) e publicar sobre os benefícios da vacinação, enquanto que recomenda às plataformas (redes sociais, blogues, jornais) que deixe de convidar e que suspenda indivíduos que espalham mentiras e retórica anti-científica ([ref](#)).

O importante em qualquer um dos casos é reconhecer que alguma ignorância que possa existir sobre estes tópicos é fruto da educação que alguém teve na vida, é fruto de um processo cultural e social, é fruto das suas experiências - não é uma característica essencial ou intrínseca, apenas um estado, estado esse que pode ser mudado por pessoas com capacidade e paciência suficientes. Somos apenas humanos e se queremos continuar a sê-lo e melhorar essa condição para todos aqueles cuja existência é condicionada temos de convencer - responder, questionar, falar, dialogar - quem se sente confortável em perder isso.